

“ATÉ HOJE AQUILO QUE EU APRENDI EU NÃO ESQUECI: EXPERIÊNCIAS MUSICAIS NAS LEMBRANÇAS DE IDOSAS”

Jaqueline Soares Marques

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Mestrado em Artes/Música

SIMPOM: Subárea de Educação Musical

Resumo

Essa comunicação apresenta um projeto em andamento que tem como foco as experiências musicais de idosas. O objetivo geral da pesquisa é compreender experiências musicais nas lembranças de idosas, e como objetivos específicos pretende-se evocar espaços nos quais essas experiências musicais acontecem/ram, reconstruir os tipos de experiências musicais, interpretar os meios pelos quais essas experiências foram vividas, descrevendo e discutindo o conteúdo dessas experiências. Considerada como pesquisa qualitativa tem como opção metodológica a História Oral e utiliza a entrevista como procedimento de coleta de dados. O referencial teórico tem como base a discussão sobre experiência musical como experiência social, bem como a questão da memória e da lembrança relacionadas à memória de “velhos”, que nesse caso são mulheres. Acredita-se que esse estudo vem a contribuir para a área na elaboração de propostas pedagógico-musicais que envolvem esse público, para a organização e planejamento de políticas públicas relacionadas ao envelhecimento, para a compreensão das maneiras que a música e o seu ensino/aprendizagem podem marcar presença nesse processo possibilitando outra percepção da velhice. Apresenta-se também a análise de duas entrevistas já realizadas focalizando os tipos de experiências musicais, os espaços dessas experiências, bem como os meios através dos quais foram vividas pelas idosas. Nessas primeiras análises vários aspectos emergiram dos dados já coletados como, por exemplo: as experiências relacionadas ao cantar, ao ouvir, ao brincar são práticas musicais bastante lembradas pelas idosas. As formas como essas práticas são experienciadas estão sendo analisadas. Outros aspectos dessas experiências que apareceram, estão relacionados ao repertório, ao ser mulher, aos “nãos”, ou seja, às impossibilidades dessas idosas de aprenderem música ao longo de suas vidas. Algumas considerações apontam várias outras possibilidades de análises ainda não vieram à tona, mas que poderão aparecer por meio da reconstrução das experiências musicais nas lembranças de cada idosa.

Palavras chave: experiências musicais; lembranças; idosas.

1. Introdução

Estudar experiências musicais de idosos é um objeto de pesquisa importante, pois a velhice, por ser um fenômeno universal, tem sido um dos temas que tem ganhado bastante destaque nos últimos anos.



I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música

XV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO

Rio de Janeiro, 8 a 10 de novembro de 2010

No Brasil, a população idosa está crescendo. Vive-se em uma época de grandes inovações científicas e intensas mudanças sociais e econômicas que afetam profundamente o modo de vida das pessoas.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (BRASIL, 2008), a proporção de pessoas da terceira idade vem crescendo mais rapidamente que a proporção de crianças. Em 1980 para cada 100 crianças havia 16 idosos no Brasil. Vinte anos depois essa relação praticamente já havia dobrado, em uma proporção de 30 idosos para cada grupo de 100 crianças.

Essas referências levam a pensar sobre a necessidade da oferta de políticas públicas voltadas para essa realidade do envelhecimento da população e, principalmente, desconstruir imagens da velhice e do envelhecimento já sedimentadas na sociedade. A sociedade moderna ao cultivar valores do progresso produziu preconceitos, mitos e indiferenças à respeito do envelhecer que devem ser superadas.

2. Delimitando o tema e os objetivos

Estudar experiências musicais a partir de lembranças de idosas pode mostrar uma construção com a música que foi feita com o passar dos anos, o que possibilita refletir sobre o que foi vivido. Mas, não uma vivência qualquer, esquecida, e sim a experiência que ainda hoje está presente, pois ainda tem o valor, ainda possui alguma significação. Sendo assim, essa pesquisa tem como objetivo geral:

- Compreender experiências musicais que estão nas lembranças de idosas.

Já como objetivos específicos pretende-se:

- Evocar espaços nos quais essas experiências musicais acontecem/ram;
- Reconstruir os tipos de experiências musicais;
- Interpretar os meios pelos quais essas experiências foram vividas;
- Descrever e discutir o conteúdo dessas experiências.

3. Justificativa

O fato de ainda existirem poucos estudos sobre envelhecimento na área da Educação Musical é um dos motivos para estudar essa temática. As iniciativas de pesquisas focadas nos idosos ainda são poucas e carecem de aprofundamento teórico. É possível também encontrar pesquisas acerca deste tema realizadas por profissionais de outras áreas como da saúde e da sociologia.



Pretende-se então com essa pesquisa sensibilizar os leitores a, pela ensino/aprendizagem musicais, desenvolver outra percepção da velhice. Contribuir não só para a área de Educação Musical como também para outras que hoje se debatem em torno das questões do envelhecimento.

4. Referencial teórico

4.1 Experiência musical

Trabalhando com fontes orais, no caso deste trabalho, com lembranças de idosas, como a experiência musical pode aparecer nas lembranças? O conceito de experiência é amplamente estudado na filosofia, na psicologia, na sociologia, na pedagogia, dentre muitas outras disciplinas.

Nesse momento esse conceito está sendo tateado. Ainda não se tem um conceito de experiência a ser adotado. A partir dos dados a busca está por uma perspectiva que possa ajudar a compreender as experiências musicais das idosas que participam dessa pesquisa. Para Matos (2004), “no ato de lembrar suas vidas, as pessoas reconstruem a sua identidade pessoal e social, à luz do seu passado e do seu presente, como a sua *experiência* na passagem do tempo” (p. 2).

Outro uso da experiência tem sido aquela que tem a ver com o vivido, com as vivências. Refletindo sobre a experiência de idosos, “a experiência de vida, valorizada pelos mais velhos como um dos poucos ganhos da velhice, é o fundamento da narrativa da memória e, do ponto de vista de quem lembra, a experiência é uma interpretação de seu passado” (LINS de BARROS, 2006, p. 113).

Trazendo a discussão da experiência para o âmbito da Educação Musical, Abril e Kerchner (2009) afirmam que as experiências musicais

são partes importantes de nossas vidas, do nascer até a hora da morte. Nos primeiros anos de nossas vidas nós percebemos e processamos a música rodeando nossas mentes, e damos produto e resposta a isso através dos nossos corpos e nossa voz. Durante nossas vidas, nós exercitamos e desenvolvemos nossa musicalidade inata cantando, tocando instrumentos, compondo e ouvindo. Sozinho ou com outras pessoas, nós fazemos experiências musicais para nos mudar, nos confortar e nos relacionarmos com outras pessoas. Essas experiências nos ajudam a construir significados e entendimentos de música, e essa ajuda vem para nós nos entendermos, entendermos nossas culturas e o nosso mundo (ABRIL; KERCHNER, 2009, p. 1).

Os questionamentos dos autores são: “qual é a natureza da experiência musical e como isso acontece durante nossa vida? Como é o impacto da experiência musical na construção do pensamento pessoal e social? Como nós ensinamos, aprendemos e transmitimos cultura pela experiência musical?” (ABRIL e KERCHNER, 2009, p. 1).



Souza (2000) diz que “o presente não é definido pela lógica da espera (do futuro, da promessa), mas pela lógica da atenção: do vivido, em que o indeterminado, o sóciohistórico se revelam” (p. 37)

Pode-se dizer que, nessa perspectiva, uma discussão que envolva experiência musical não está dissociada das questões teóricas que envolvem o “cotidiano”. Segundo Souza (2000), a sociologia da vida cotidiana “compromete com análise individual histórica, com o sujeito imerso, envolvido num complexo de relações presentes, numa realidade histórica preñe de significações culturais” (p. 28), quando o interesse está em “restaurar as tramas de vidas que estavam encobertas; recuperar a pluralidade de possíveis vivências e interpretações” (p. 28).

Analisando a trajetória desses estudos, Souza (2000) afirma que no início dos anos noventa o foco desses se volta para o “paradigma da experiência musical como uma experiência social” (RICHTER, 1990; SCHMITT, 1990 e MÜLLER, 1990, 1992 apud SOUZA, 2000).

4.2 A questão da memória e da lembrança

Esse interesse pelo estudo do campo da memória deve-se ao fato da reflexão de que “tanto a continuidade quanto a descontinuidade da vida em sociedade está implicada em mecanismos de lembrança e de esquecimentos, de seleção e de elaboração daquilo que o passado deixa para trás de si mesmo” (TEDESCO, 2004, p. 28).

Bosi (1994) diz que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55) e afirma ainda que

a memória não é sonho, é trabalho [...] é uma imagem construída pelos materiais que estão agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual [...] por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nos não somos os mesmos de então (BOSI, 1994, p. 55).

Halbwachs (2004) foi um dos pioneiros a pensar a memória e seus mecanismos a partir do relembrar, do recordar. Suas concepções são acerca da “memória individual e coletiva” quando diz que, “voluntariamente [...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meio”. (HALBWACHS, 2004, p. 55)

Halbwachs (2004) não estuda a memória, como tal, mas os “quadros sociais da memória”, já que para este autor a memória de um indivíduo depende de todo o seu relacionamento social, seja em família, escola, igreja, amigos. Apesar de considerar que os indivíduos têm lembranças que não

são só suas, Halbwachs (2004) explica que as “lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós” (p. 30).

4.3 Quando os “velhos” são mulheres

Lins de Barros (2006) em seus estudos afirma que a questão da mulher e a perspectiva feminina apresentam “quer uma visão positiva do passado, quer uma recordação crítica de sua trajetória de vida” (p. 116).

Nessa análise de “velhos” que são mulheres, Lins de Barros (2006) menciona que “as lembranças trazem a idéia de que houve, no passado, planos de vida não realizados, mas que ganham a conotação de fracasso apenas quando são lembrados e revistos na velhice” (p. 117). Para essa autora, na mulher a velhice “não traz carga de mudança abrupta” (p. 14). A velhice feminina é um momento da vida em que a mulher está no “último estágio de um *continuum* sempre ligado à esfera doméstica, não só porque a grande maioria não teve uma vida profissional ativa, como também porque é a este mundo interno do lar, da família e da casa que a mulher está ideologicamente vinculada” (LINS de BARROS, 1981, p.14).

Sob essa perspectiva, para Simone de Beauvoir (1980) a “mulher velha”

não descobre, no mundo, objetivos para os quais possa projetar-se num movimento livre e eficiente. Sua agitação toma uma forma excêntrica, incoerente e vã, porque só se destina a compensar simbolicamente os erros e malogros do passado. Entre outras coisas a mulher esforçar-se-á por realizar, antes que seja tarde demais, todos os seus desejos de criança e de adolescente: uma volta ao piano, outra à escultura, ou a escrever, a viajar, aprende a esquiar ou línguas estrangeiras. Tudo o que recusara voluntariamente até então, ela resolve — antes que seja tarde demais — acolher (BEAUVOIR, 1980, p. 346).

5. Metodologia

5.1 A opção pela História Oral

O método adotado nessa pesquisa é o da História Oral. Sua definição não é estabelecida com facilidade, pois “ora se constitui *método* de investigação científica, ora como *fonte* de pesquisa, ora ainda *técnica* de produção e tratamento de depoimentos gravados” (ALBERTI, 1990, p. 1).

Tendo em vista os objetivos e as características desta pesquisa adota-se a *História Oral temática* que, segundo Meihy (2000), se caracteriza “por basear-se em um assunto específico e

previamente estabelecido [...] comprometendo-se com o esclarecimento ou opinião do entrevistador sobre algum evento definido” (p. 67).

Uma das possibilidades de coletas de dados em uma pesquisa de História Oral são as entrevistas, pois a História oral é uma “forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos da sua vida, tendo como atenção central dos estudos, os depoimentos como ponto central das análises” (MEIHY, 2000, p. 26-31).

5.2 Participantes da pesquisa

O presente trabalho conta com a participação de 13 idosas que fazem parte do *Coral do AFRID* e que se dispuseram a colaborar com a pesquisa. Esse coral está inserido em um projeto denominado de VIDA ATIVA AFRID que é realizado pela Faculdade de Educação Física da UFU, desde o ano de 1989 e constitui-se de um conjunto de atividades teóricas e práticas para os idosos residentes na cidade de Uberlândia-MG e região.

Ficou estabelecido que as entrevistas seriam realizadas com aquelas que se dispusessem espontaneamente a participar da pesquisa. Então, das aproximadamente vinte e sete mulheres que fazem parte do *Coral do AFRID*, treze delas manifestaram o interesse de colaborar com a pesquisa.

6. Analisando o material

Até esse momento foram realizadas quatro entrevistas e duas delas (as quais serão apresentadas na análise) foram analisadas para o relatório de qualificação. Também foram feitas várias leituras acerca do referencial teórico, focando, nesse momento, a questão da experiência musical, pois será de grande importância para a análise dos dados coletados. Outras questões também poderão vir à tona durante a análise das entrevistas e que também deverão ser estudadas para a discussão na dissertação.

Diante ainda dessa busca do referencial teórico, várias questões que permeiam o material empírico ainda podem ser revistas e melhor aprofundadas. Para essa análise, os conteúdos das entrevistas foram organizados e classificados em temáticas que são: os tipos de experiência, os espaços e os meios das experiências. Algumas outras questões como: o repertório, o ser mulher, as “não aprendizagens”, “as não possibilidades” de experiências musicais vividas pelas idosas participantes dessa pesquisa apareceram nessas duas primeiras entrevistas analisadas.

6.1 Tipos de experiências

Diante do objetivo de compreender as experiências musicais nas lembranças de idosas, alguns tipos de experiências são ressaltados como: o cantar, o ouvir, o brincar com a música.



O cantar é uma experiência que esteve presente na vida de ambas as entrevistadas: D. Leontina e D. Ana Laura. É uma experiência vivida no passado, presente no dia a dia, e contada assim: “Vixe, mas eu cantava tanto menina! Como eu cantava meu Deus do céu! Eu passava o dia inteiro cantando” (Leontina, entrevista dia 23/02/2010, p. 8).

Tanto D. Ana Laura quanto D. Leontina descrevem como ouviam música dizendo que “antigamente, todo mundo parava. As famílias, os chefes de família, paravam pra escutar o rádio” (Leontina, entrevista dia 23/02/2010, p. 2).

Outra forma de ouvir que apareceu consiste no fato delas saírem de suas casas para ouvirem música na casa de vizinhos, de parentes. D. Ana Laura (entrevista dia 21/12/2009) disse que tinha um tio que comprou uma vitrola e que ia até a casa dele para escutar música e que “dava prazo” de “escutar umas duas, três músicas, só” (p. 6).

No que se refere ao processo de ouvir D. Leontina (entrevista dia 23/02/2010) ressalta que “escutava uma música duas, três vezes e já sabia”. E que “prestava atenção [...] não só na música, mas na letra também (p. 8). Ao escutar uma música ela diz: “Ih! lembro e canto!”(p. 8).

O ver, assistir grupos musicais, aparece quando mencionam a banda de música e também quando iam ao auditório de um programa de rádio. D. Leontina (entrevista dia 23/02/2010) conta que no auditório da rádio “sentava lá... todo mundo compenetrado. Nooossaa! Era tudo diferente de hoje! (p. 10).

6.2 Espaços das experiências

Pensando sobre os espaços das experiências musicais das idosas entrevistadas observou-se que essas experiências aconteciam em suas casas, igrejas, festas e apresentações, e também na escola.

Em suas casas o que é mais mencionado é o fato de ouvir o rádio, que como foi mencionado no item anterior, era costume “parar para ouvir” e que tudo o que se fazia “era com o rádio ligado” (D. Leontina, entrevista dia 23/02/2010, p. 2).

O canto era uma prática musical que estava presente em vários espaços. D. Ana Laura (entrevista dia 21/12/2009) conta que “cantava muito na igreja, na coroação [de Nossa Senhora], mês de maio” (p. 3). O cantar também estava presente na escola. D. Ana Laura (entrevista dia 21/12/2009) conta que em sua escola não tinha aula de música, mas que “tinha muito auditório, eles chamavam de auditório” (p. 3). Conta que nos ensaios para os auditórios a professora levava as crianças “pro gabinete, pra sala da diretora e aí a gente ensaiava... ela dava por escrito a música... Mas, naquele tempo, num tinha essas coisas... de som... na escola não existia, microfone essas coisas não existia nada. A gente só cantava mesmo” (p. 3).

Já D. Leontina (entrevista dia 23/02/2010), que estudava em Uberaba na época, tinha aula de música na escola e que lá “tinha aula de canto” (p. 7). D. Leontina ainda diz que essa aula de música “era pra cada classe e era obrigatório[a]” e que a primeira coisa que faziam quando chegavam na escola era cantar o Hino Nacional (p. 15).

6.3 Os meios

Alguns meios eram utilizados nessas experiências musicais. Os principais, que apareceram nas lembranças das entrevistadas da pesquisa foram o rádio, a vitrola, os altofalantes. Tanto D. Ana Laura quanto D. Leontina tiveram experiências nas quais o ouvir música estava associado ao rádio.

A vitrola e o gramofone também aparecem quando D. Ana Laura (entrevista dia 21/12/2009) diz que o gramofone era “mais de gente rico”, mas que sua família “tinha uma vitrola que era tudo na mão: pegava... tocava, tocava, tocava... ia lá no cabeçote, colocava o disco e ele rodava. Rodava até parar... aí ele ia acabando a corda tinha que suspender de novo pra colocar pra tocar...” (p. 6).

D. Leontina (entrevista dia, 23/02/2010) se lembra dos altofalantes espalhados pela cidade e diz que “antigamente usava muito era altofalante...” (p. 17). Geralmente, ficavam em lugares estratégicos da cidade e eram utilizados para divulgarem notícias e transmitir músicas.

7. Considerações

Tendo em vista essas duas entrevistas alguns aspectos foram ressaltados como: os tipos de experiência, os espaços, os meios das experiências.

Alguns aspectos que apareceram nessas falas apontam para questões que precisam ser melhor investigadas, como por exemplo, a presença do repertório nessas experiências, o ser mulher, as “não aprendizagens”, “as não possibilidades” de experiências musicais ao longo da vida dessas idosas .

O “ser mulher” parece estar ligado aos vários “nãos” apresentando experiências/aprendizagens musicais truncadas durante a vida dessas idosas. Mas, mesmo tendo todos esses “nãos” pelo caminho, elas dizem que hoje têm oportunidade. Assim sendo, com a análise dessas duas entrevistas ressalto o quanto e como as experiências musicais estão e estiveram presentes na vida dessas idosas.

Um aspecto importante relacionado a essas lembranças consiste no tempo da experiência. A experiência perpassa os tempos da memória, que vem do passado ao presente, do presente ao passado. Esse tempo fluido também pode ser visto na memória dessas idosas quando dizem que as coisas não são mais como “antigamente”, aquelas são coisas “do nosso tempo”. Essas falas em alguns momentos parecem vir com um certo tom de nostalgia, em outros não.



Outro aspecto relevante é o fato das duas entrevistadas falarem que todos “paravam para ouvir o rádio”. Essa discussão se faz presente, pois as maneiras de se escutar música vêm mudando. Hoje, com os fones de ouvido, por exemplo, a espacialização do ouvir música é alterada. As relações que são estabelecidas com o escutar passam a ter outra conotação.

Na experiência de cantar, várias possibilidades, várias formas de cantar surgem. Cantar sozinho, cantar em casa, na igreja, cantar coletivamente.

Outras questões que não foram salientadas na análise dessas duas entrevistas poderão surgir quando “cruzadas” com os dados das próximas entrevistas forem cotejados. Além disso, outras questões que ainda não vieram à tona poderão aparecer por meio da reconstrução de experiências musicais nas lembranças de cada idosa.

7. Referências bibliográficas

ABRIL, Carlos R.; KERCHNER, Jody L. *Musical experience in our lives: things we learn and meanings we make*. Lanham: Rowman & Littlefield Education, 2009.

ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do Cpdoc*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1990.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980. V. 2.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. IBGE. *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>. Acesso em: 15 jun. 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004. (Tradução da 2. ed francesa, 1968).

LINS de BARROS, Myriam. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. *Sociologia, problemas e práticas*, n. 52, p. 109-132. 2006.

MATOS, Patrícia R. M. A. de. Ser-se mais do que velho: tempo, memória e velhice no contexto de um lar. In: CONGRESSO LUSO – AFRO – BRASILEIRO DE CIEÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra. *Anais...* Coimbra, 2004. p. 1-22.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 3. ed. (rev. e amp). São Paulo: Edições Loyola, 2000.

SOUZA, Jusamara. *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Música, 2000.

TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF; Caxias: EDUCS, 2004.

